A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRAS, CONSIDERANDO OS ESPAÇOS FÍSICOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A PARTIR DA ABORDAGEM DE EMMI PIKLER DENTRO DOS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA ALDAIR GOMES NERI SILVA

RESUMO
Neste artigo apresenta-se a discussão referente à organização dos espaços nos Centros de Educação Infantil (CEIs), e EMEI (Escola de Educação Infantil destacando do município de São Paulo. Tem como objetivo analisar a importância do espaço para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, investigar de que maneira facilita a prática educativa, e como são utilizados no dia a dia das instituições. Aborda-se a importância da organização do espaço no processo educativo, e a adequação dos espaços físicos propícios para a qualidade dos espaços. Considera-se a organização do espaço importante ferramenta pedagógica, que auxilia na prática educativa e proporciona diferentes vivencias a criança. Desta forma, destaca-se a importância da pesquisa e estudo voltados a um olhar diferente sobre a organização dos espaços nas instituições da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Organização dos espaços; Aprendizagem; Desenvolvimento; Prática educativa.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe a apresentar a discussão sobre a organização dos espaços na Educação Infantil, com o intuito de pesquisar exclusivamente a organização dos espaços nas creches do município São Paulo. O objetivo principal da pesquisa em andamento remete para a organização dos espaços dos CEIs paulistanos e sua importância para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, como também a maneira como os espaços facilitam a prática educativa e como são utilizados no desenvolvimento das atividades.

Este artigo apresentará um pouco da história e contexto da educação infantil, assim como o currículo, especialmente nos CEIs, hoje sendo a matrícula um direito da criança, onde a mesma tem função de cuidar e educar. Destaca-se também a importância da organização do espaço no processo educativo. O trabalho proposto busca auxiliar na percepção da qualidade dos espaços, como também na construção e adequação de ambientes propícios para atividades pedagógicas, auxiliando o educador em sua prática diária e contribuindo em vivências significativas para a criança. Neste contexto, justifica-se a relevância e importância desta pesquisa, com proposito de investigar a organização dos espaços na Educação Infantil.

EDUCAÇÃO INFANTIL E CULTURA DA INFÂNCIA

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, elaborado e difundido pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC), em 1988, em consonância com a LDB, integrou o processo de regularização da Educação Infantil, mas não se constitui em instrumento legal obrigatório a ser seguido pelos educadores dessa faixa etária. Consiste em um "guia de reflexão" cujo objetivo é constituir para a elaboração dos projetos educacionais propostos pelas instituições de Educação Infantil.

O referencial, composto de três volumes, consiste em uma resposta que o MEC procura dar às necessidades de orientação apontadas por estudos realizados e que resultam na população do documento "Proposta Pedagógica e Currículo em Educação Infantil- um diagnóstico e a construção de uma metodologia de análise". "Entre outras constatações institucionais para a garantia da qualidade nessa etapa educacional"(p.14)

Assim, a referencial parte da perspectiva de ser incorporado ao projeto educacional da instituição caso ele traduza a vontade dos educadores envolvidos e atenda às necessidades específicas de cada equipamento.

Sobre os CEIs e EMEIs o texto revela que essas instituições visaram atender às finalidades sociais diferente, ao longo da história, no Brasil e no mundo. Muitas dessas instituições objetivaram, em sua origem, o combate à pobreza. Surgiu como recurso de garantir

a sobrevivência da criança, o que lhes garantiam um caráter assistencialista, porém muita coisa mudou nos últimos anos.
O Referencial alerta para o fato de que:

A modificação de uma concepção" de educação assistencialista envolve a assunção de especialidades da Educação Infantil, a revisão de concepções sobre a infância a das "relações entre as classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do estado diante das crianças pequenas (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil p. 7)

Quanto às especificidades da Educação Infantil, é assinalado que esta deve promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos e sociais da criança, alertando que privilegiam os aspectos físicos, outras enfatizam as necessidades emocionais e outras, ainda, ressaltam o aspecto cognitivo.

A concepção de criança proposta pelo referencial tem com um modelo interacionista de homem pelo qual a criança se desenvolve influenciada pelo meio social em que vive ao mesmo tempo em que atua sobre ele. Essas influências chegam até a criança por meio do outro com o qual ela interage e que, na maioria das vezes, é a família. Nesse processo interativo, ela se desenvolve de modo singular, criando uma identidade própria, embora haja características comuns a esse período. Ressaltam-se nessa concepção a atividade e a expressividade singulares com que a criança interage com o mundo, por meio de várias linguagens e do brincar.

Quanto à concepção de educação, o texto refere-se às funções do educar e do cuidar.

Educar significa "proporcionar situações de cuidados, brincadeiras que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos da realidade social e cultural" (p.23).

Cuidar é compreendido na instituição da Educação Infantil como parte integrante da embora possa exigir conhecimentos e habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica envolvendo conhecimento e cooperação de outras áreas.

A integração entre as funções de educar e de cuidar é colocada no documento como uma necessidade, de modo a não ser mais diferenciar ou hierarquizar os profissionais e instituições que atuam com a criança pequena e /ou aqueles que lidam com a criança menor.

Além disso, as novas funções da Educação Infantil (aquelas decorrentes da inclusão da creche no sistema de ensino) devem ser realizadas por meio de um "padrão de qualidade". Nota-se, nesses dois aspectos, o flagrante reconhecimento da criança de 0 a 3 anos no mesmo patamar da criança 4 a 6 anos.
Segundo Rinaldi (1999),

Mas é visível a mudança no planejamento no currículo, principalmente "a partir da perspectiva sistêmica, pressupõe como método de trabalho no qual professores apresentam objetivos educacionais gerais, mas não formulam objetivos específicos para cada projeto ou atividade de antemão. Em vez disso, formulam hipóteses sobre o que poderia ocorrer com base em seu conhecimento das crianças e das experiências anteriores. (RINALDI,1999, p.113).

De acordo com VECCHI (1999) sobre o profissional
A função do profissional na educação infantil não é simplesmente ministrar aulas fragmentadas, mas, sobretudo de organizar um espaço de cultura que possibilite a ampliação das expressões e das linguagens da criança. No que este espaço contribui? Ajuda que os professores compreendam como as crianças inventam veículos autônomos de liberdade expressiva, de liberdade cognitiva, de liberdade simbólica e vias de comunicação. (VECCHI: 1999, p.129)

A necessidade de ter profissionais qualificados é preciso que estes educadores entendam as especificidades que a criança na educação infantil e que esta passa por algumas etapas em três grandes áreas do desenvolvimento que são:

- Área motora: inclui tudo aquilo que se relaciona com a capacidade de movimento

do corpo humano, tanto de sua globalidade como dos seguimentos corporais.

• Área cognitiva: aborda as capacidades que permitem compreender o mundo, nas diferentes idades, e de atuar nele, através do uso da linguagem ou mediante resoluções das situações problemáticas que se apresentam.

Mesmo assim, é necessário fazer referências às capacidades que a criança dessa idade tem para criar ou comunicar-se através do uso de todas as linguagens (verbal, artística, etc.).

• Área afetiva: engloba os aspectos relacionados com as possibilidades de sentir-se bem consigo mesmo (equilíbrio pessoal), o que permite confrontar-se com situações e pessoas novas (relações interpessoais) e ir estabelecendo relações cada vez mais alheias distanciadas, bem como atuar no mundo que o rodeia (atuação e inserção social).

A divisão entre essas três áreas é para ser entendida apenas como um recurso expositivo, pois o desenvolvimento é global e existe uma estreita inter-relação com as capacidades apresentadas e, inclusive, entre essas três áreas.

Pode haver reflexão enfocando a criança, sujeito de nossas práticas, e suas relações com a sociedade atual. Para tanto, é necessário tornar presente as relações passado-presente-futuro, buscando compreender, através da trajetória da infância na história, o que é ser criança hoje. Tal compreensão possibilita-nos enxergar como e por onde podem ocorrer mudanças qualitativas no tempo presente.

Pensar uma proposta para a Educação Infantil que seja capaz de enfrentar as questões que afetam as relações entre a criança e a sociedade, não devemos imaginar que seja possível a existência de um modelo único, adequado a todas as crianças e realidades, pois isso será contrário a tudo o que sabemos sobre as diferenças que constituem as crianças, famílias e educadores, fruto de suas diferentes inserções históricas e culturais na sociedade.

Podemos e devemos, entretanto, pensar em alguns eixos orientadores da construção das práticas pedagógicas, que deverão ser priorizados, no sentido de garantir às crianças a possibilidade de construírem seus conhecimentos de forma crítica, criativa e consistente.

OS ESPAÇOS DENTRO DA EDUCAÇÂO INFANTIL E A APRENDIZAGEM.

Os espaços devem ser organizados de forma a desafiar a criança nos campos: cognitivo, social e motor. Oportunizando a criança de andar, subir, descer e pular, através de várias tentativas, assim a criança estará aprendendo a controlar o próprio corpo, um ambiente que estimule os sentidos das crianças, que permitam a elas receberem estimulação do ambiente externo, como cheiro de flores, de alimentos sendo preparados. Sentindo a brisa do vento, o calor do sol, o ruído da chuva. Experimentando também diferentes texturas: liso, áspero, duro, macio, quente, frio. Carvalho & Rubiano dizem que:

A variação da estimulação deve ser procurada em todos os sentidos: cores e formas; músicas e vozes; aromas e flores e de alimentos sendo feitos; oportunidades para provar diferentes sabores". (CARVALHO & RUBIANO, 2001, p.111)

Personalizar o ambiente é muito importante para a construção da identidade pessoal da criança, tornar a criança competente é desenvolver nela a autonomia e a independência. Ao oferecer um ambiente rico e variado se estimulam os sentidos e os sentidos são essenciais no desenvolvimento do ser humano.

A sensação de segurança e confiança é indispensável visto que mexe com o aspecto emocional da criança. Oportunizando as crianças de interagirem e em certos momentos que desejarem ficarem sozinhas brincando. Carvalho e Rubiano afirmam que:

Todos os ambientes construídos para crianças deveriam atender cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades para contato social e privacidade. (CARVALHO &

RUBIANO, 2001, p.109).

Para que os espaços favoreçam o brincar, os educadores dos CEIs devem ter consciência de que a brincadeira é um processo de relações entre as crianças e o brinquedo e das crianças entre si e com os adultos, e que ato de brincar é muito importante para o desenvolvimento integral da criança.
As crianças se relacionam de várias formas com as brincadeiras, pois, existem várias possibilidades de brincar: solitariamente; em grupo; entre crianças de idades diferentes; entre adultos e crianças.
Existem diferenças também entre: brincadeiras organizadas pelas próprias crianças; brincadeiras tradicionais; jogos; atividades lúdicas propostas pelo adulto, com conteúdos específicos a serem atingidos.
Como garantir o espaço e o tempo para que as diversas modalidades de brincar aconteçam? Nos CEIs e EMEIs, quais são as atividades com as quais as crianças se ocupam? Quais as experiências necessárias para que uma criança interaja? Com trazer o brincar como eixo norteador do currículo?
Os bebês engatinham, andam, manipulam objetos, buscam aconchego, brincam de esconde-esconde, cantam, dançam, disputam objetos, ouvem histórias, planejam festas, brincadeiras, fazem amigos, choram e são consoladas, e muito mais. Assim, quando olhamos as formas como a cultura tecida no cotidiano, vemos as crianças aprendendo constantemente.
Quais espaços organizar para que a experiência do brincar seja essencial para que a criança e que possa ser produtora de cultura, manifestando-se por diferentes linguagens.
É sabido que na tarefa de garantir às crianças seu direito de viver a infância e desenvolver-se, os CEIs e EMEIs, devem organizar seu currículo para que possa ampliar as possibilidades infantis de ter o brincar o brincar no cotidiano.
Nesse esforço, nos CEIs e EMEIs devem assegurar a todas as crianças o direito de ter acesso a informações que lhes ajudem a observar e a construir significações pessoais sobre o mundo e sobre si mesmas.
As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil de 2009 – DCNs e o documento Práticas Cotidianas na Educação Infantil: Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares, muitos princípios da do currículo holístico (integral) aparecem.
Nas DCNs (2009) está posto que o currículo é:

Um conjunto de práticas que buscam articular os saberes e experiências das crianças com o patrimônio cultural, artístico, ambiental, cientifico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral da criança. (DCNs, 2009, p.29)

COMO PREPARAR UM AMBIENTE/ESPAÇOS POSITIVO A PARTIR DA ABORDAGEM DE EMMI PIKLER DENTRO DOS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL
1 – Lugar de bebê é no chão. Chão limpo, livre de perigo, mas chão! Sem plásticos acolchoados, emborrachados ou colchonetes. Só assim os movimentos dos bebês podem desfrutar da liberdade para se mover, de apoio para aprimorar as posturas e desenvolver o aprendizado de como cair sem se machucar.
2 – A princípio os bebês devem ficar deitados de barriga para cima, para exercitarem as viradas, arrastar e engatinhar. Com autonomia, os bebês passam a sentar, apoiar para ficar de pé e, finalmente andar.
Um ambiente rico provoca a curiosidade e o espírito pesquisador dos pequenos que vão solicitando o corpo para alcançar os objetos desejados.
Quando o bebê se sente confortável na postura “sobram energias” para se concentrar nas experiências com objetos e na relação com o outro. Ao se preocupar com a manutenção de um equilíbrio não sustentado pelo amadurecimento físico e motor, a criança desperdiça foco, bom humor e disposição para aprender.
3 – Simplicidade e adequação nos materiais e brinquedos selecionados. Para a pediatra, a adequação dos objetos ofertados precisa obedecer à cronologia e ao interesse dos bebês. Com o passar do tempo, diversos materiais ficam disponíveis no ambiente frequentado pelas crianças que, a partir da investigação, vão alternando seus interesses.
Alguns dos materiais da abordagem:

Retalhos de pano de 15 x 15 cm, o primeiro.

Chocalhos Objetos côncavos/ convexos (bacias, potes, bolas de diversos tamanhos)

Bacias de metal pelo formato, peso, qualidade do material e pela possibilidade de pesquisar os reflexos.

Potinhos de encaixar e empilhar

Nossa cultura inclui e valoriza experiências com a literatura e as linguagens da Arte, como música, dança e artes visuais.

Assim, livros, materiais plásticos, instrumentos, objetos sonoros e um repertório musical deve fazer parte do cotidiano dos bebês.

4 – As roupas precisam favorecer movimentos e não atrapalhar. É muito comum que bebês não consigam se arrastar ou engatinhar porque estão com macacões largos nas pernas.

5 – O adulto precisa estar presente de corpo inteiro, de coração, para acompanhar, dar afeto, segurança e acolher as crianças, quando solicitado.

6 – O adulto pontua as conquistas e narra o que está acontecendo, despertando para a oralidade e aprimorando a comunicação. Porém, o adulto não deve anunciar os resultados esperados enquanto as crianças estão agindo. Essa intervenção estabelece objetivos que podem não ser os das crianças e inibe as suas ações. Dizia a filósofa Hannah Arendt: é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual nos afirmamos singularmente.

7 – É um ambiente de calma e sutilezas, com gestos delicados, de adultos que observam e intervêm, e de crianças interessadas, que pesquisam a si próprias e o mundo. Nesse universo, não cabe dizer que estamos distraindo ou simplesmente ocupando os pequenos, porque eles estão de fato empenhados naquilo que fazem... numa seriedade brincante.

8 – O adulto intervém diretamente quando existe disputa e quando o adulto percebe sinais fortes de frustração e cansaço.

9 – O espaço precisa, então ser grande o suficiente para acolher os gestos autônomos das crianças, porém sem ser tão grande que não garanta a sensação de acolhimento e segurança. No mobiliário de Pikler fazem parte cerquinhas para ajudar os educadores a delimitarem os espaços da pesquisa.

Prever as interações estre as crianças e delas com os objetos, sem que uma atrapalhe a outra.

Ser acessível sem apresentar perigos, com os riscos controlados. É importante que o acesso a espaços e materiais não exija constantes restrições por parte dos adultos, para não inibir as investidas espontâneas e corajosas dos bebês.

10 – A atividade autônoma das crianças é valorizada. Com isso, permite-se a liberdade total de movimentos, que partem da criança, que aprende com eles e a partir do que já sabe. Repete as ações para rever e confirmar o que já aprendeu.

11 – Os adultos se colocam diretamente presentes para favorecer a expressão, as brincadeiras, a exploração, a criação, os jogos simbólicos, espelhar-se e assumir riscos... tudo no ritmo ditado por cada pequeno!

Porque é no tempo da criança que ela aprende. Se anteciparmos, acelerarmos ou interrompermos, os aprendizados não se constituem. Hoje, isso é fato cientificamente provado.

A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Brincar é algo inerente ao ser humano. Ao refletirmos sobre os espaços devemos também atentar como as crianças de 0 a 3 se relacionam com as brincadeiras.

Percebemos como a organização dos espaços possibilitam a aprendizagem destas crianças estão pequenas e que brincadeiras e jogos adequados à faixa etária devem estar presentes em todos os momentos.

As Orientações Curriculares: Expectativas de aprendizagem e Orientações Didáticas / SME. SP traz como tema norteador o brincar na Educação Infantil.

Ao brincar as crianças são desafiadas às situações novas ou incongruentes construídas de diferentes formas, elas exploram e fazem encaminhamentos inovadores com diferentes parceiros. As brincadeiras também são espaços de poder que as crianças ocupam para exercer o controle não só sobre si mesmas, mas para se diferenciar e confrontar os adultos e a cultura do mundo adulto.

Todas as formas de brincadeira aprendidas pelas crianças são enriquecidas com o trabalho feito no conjunto das experiências por elas vividas nas outras dimensões, como: a linguagem verbal e a contagem de histórias, a dimensão das linguagens artísticas e também dos saberes que a criança vai construindo enquanto pensa o mundo social e o da natureza, e a dimensão do conhecimento de medidas, proporções, quantidades.

O importante é o professor compor um conjunto de atividades lúdicas que promovam as culturas infantis e a construção pelas crianças de um olhar diferenciado para o mundo. Para apoiar o desenvolvimento da criatividade das crianças no brincar, o professor necessita:

- ter em mente que, para a criança envolver-se em brincadeiras, ela necessita sentir-se emocionalmente bem no espaço que ocupa e na relação com os adultos e as outras crianças presentes, e precisa querer brincar.
- lembrar que a criança brinca no seu dia a dia, não apenas nos minutos destinados ao parque, o que vai exigir um planejamento do conjunto das atividades das crianças que considere o caráter essencialmente lúdico das vivências infantis.
- ser um observador atento e sensível da brincadeira voltado para acompanhar a riqueza das interações infantis que aí ocorrem.
- organizar oportunidades para a realização de brincadeiras diversificadas segundo os interesses de diferentes grupos, deixando as crianças circularem pelos ambientes e envolverem-se em diferentes tipos de jogos.
- conhecer os jogos e brincadeiras infantis (seus temas, materiais, personagens; estimular as crianças a assumirem personagens na brincadeira de faz-de-conta;
- garantir oportunidade para a criança brincar isoladamente e em grupos, com parceiros da mesma idade e de idades diferentes (não apenas os da sua própria turma), de forma livre ou mediada pelo professor;
- incentivar a autonomia das crianças na organização de materiais e na criação de cenários, enredos e papéis para brincar;
- disponibilizar objetos, indumentárias e outros elementos que apoiem as crianças a imitar situações da vida cotidiana, a assumir determinados papéis, ou a reproduzir as ações do personagem de uma história lida pelo professor em outra situação;
- ajudar as crianças na superação dos conflitos desencadeados em suas brincadeiras; criar condições para que as brincadeiras possam ocorrer no interior do prédio, em sua parte externa, ou no campinho gramado ou praça, vizinhos ao CEI;
- apoiar a ampliação do repertório de brincadeiras e a diversidade de possibilidade de brincar das crianças, além do faz-de-conta: jogos de regras, brincadeiras cantadas, jogos de tabuleiro, entre outros;
- incentivar as crianças a tomar as brincadeiras vividas como assunto tanto nas rodas de conversa quanto nas situações comunicativas informais envolvendo professores e crianças;
- ajudar as crianças a organizarem os espaços e os objetos que estruturam o enredo, o cenário e os papéis adotados no faz-de-conta;
- cuidar para que as regras propostas pelo grupo para um determinado jogo sejam mantidas, e assumir o papel de juiz em um jogo de regra, ou em um jogo esportivo;
- assumir um papel em um faz-de-conta considerando as situações criadas pelas crianças tanto em relação aos temas, personagens, clima emocional etc., e as regras, materiais utilizados, organização do espaço, formas de cada criança desempenhar certos papéis.
- como também já foi os materiais disponíveis para a brincadeira devem; ser bastante diversificados e flexíveis – brinquedos (convencionais, industrializados e artesanais) e materiais não estruturados (papelão, tecidos, pneus e outros materiais reaproveitáveis), favorecendo as invenções infantis.
- incluir fantasias e adereços que possibilitem às crianças viverem diferentes papéis.
- contar com a presença de objetos da própria cultura, incluindo diferentes portadores de textos, que podem alimentar variados enredos.

CONSIDERAÇOES FINAIS

Apesar de o estudo ainda não apresentar dados concretos, entende-se que a organização dos espaços necessita ser entendida pelos profissionais da educação como essencial no contexto escolar, sendo ferramenta pedagógica que pode ser utilizada de forma positiva na prática educativa como também favorecer para a aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Portanto cabe ao educador planejar e refletir sobre o espaço educativo adequado, sendo acolhedor, sociável, e contribua à criança na sua rotina diária interligando conhecimentos de família, escola e sociedade.

O espaço deve ser desafiador, estimulador, aconchegante, que desperte o interesse, participação, proporcionando o brincar, criar, imaginar, construir suas brincadeiras, do significado, permitindo a produção de conhecimento durante a brincadeira, para que a criança supere seus limites e construa suas potencialidades, desenvolvendo diferentes áreas de conhecimento de forma cognitiva e motora.

Neste sentido, entende-se que o presente estudo poderá servir de subsídio para refletir a organização dos espaços das instituições de educação infantil do município de São Paulo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação e do Desporto (MEC). Brasília .1988.

CAMPOS DE CARVALHO, M. I, e Rubiano, M. R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In Z. M. R. de Oliveira (Org.), Educação infantil: Muitos olhares (3ª ed., pp. 111). São Paulo. 2001.Cortez.

RINALDI, Carlina. O currículo emergente e o construtivismo social. IN: EDWARDS, C., GANDINI, L., FORMAN, G. As cem linguagens da criança: abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

SÃO PAULO (SP). Orientações Curriculares: Expectativas de aprendizagem e Orientações Didáticas para Educação Infantil. /SME. SP.2007

_____. Secretaria Municipal de Educação Cadernos da rede - A formação continuada na Educação Infantil(Secretaria Municipal da Educação- São Paulo: SME/DOT,2011.

_____Secretaria Municipal de Educação. Tempos e espaços para a infância e suas linguagens nos CEIs, Creches e EMEIS da cidade de São Paulo. São Paulo: SME/DOT – Educação Infantil, 2006.

_____. Secretaria Municipal de Educação. A Rede em rede: a formação continuada na educação Infantil - fase 1, 2007.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Currículo da cidade para educação infantil . São Paulo: SME/DOT – Educação Infantil, 2019.

SOARES. Suzana Macedo. Vínculo, movimento e autonomia. Editora: Omnisciência. São Paulo.2016

VECCHI, Vea. O Papel do atelierista. IN: EDWARDS, C., GANDINI, L., FORMAN, G. As cem linguagens da criança: abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: ArtMed, 1999.